



Inteligência Artificial e evangelização: perspectivas no processo de compartilhamento dos dados da fé

Artificial Intelligence and evangelization:
perspectives in the process
of sharing faith data

*Aline Amaro da Silva**

PUC-MG

*Vinícius Rangel Faustino***

PUC-MG

Recebido em: 18/03/2024. Aceito em: 05/05/2024.

Resumo: *Em um mundo digitalizado, as práticas pastorais enfrentam novos desafios e oportunidades. O diálogo entre teologia e cultura digital é necessário, especialmente quando consideramos a introdução de ferramentas inovadoras como a Inteligência Artificial (IA) na comunicação da fé. Este estudo comparativo entre as plataformas de Inteligência artificial gerativa ChatGPT4, Gemini e Magisterium AI, examina as contribuições e limites destes recursos para o*

* Doutora (bolsa Capes, 2021) e Mestra (bolsa Capes, 2015) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com doutorado sanduíche (bolsa PDSE/Capes, 2019) na Ruhr Universität Bochum, Alemanha. Fez estágio pós-doutoral (Coimbra Group Scholarship Programme, 2021) na Universidade de Graz, Áustria. Jornalista (PUCRS, Porto Alegre, 2011). Professora Adjunta da PUC Minas. Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da CNBB.

E-mail: silva.alineamaroda@gmail.com.

** Jornalista (Uni-BH, Belo Horizonte, 2011). Especialista em Comunicação Estratégica (PUC-MG, Belo Horizonte, 2017). Especialista em Gestão com ênfase em Marketing (Fundação dom Cabral, Belo Horizonte, 2024). Pós-graduado em Comunicação e Evangelização na era Digital (FAJE, Belo Horizonte, 2019). Bacharelado em Teologia (PUC-MG, Belo Horizonte, 2024).

E-mail: viniciusrangelf@gmail.com.





processo de compartilhamento dos dados da fé. O estudo presta especial atenção em Magisterium AI, uma plataforma de IA projetada para apoiar o ensino e a compreensão da doutrina católica, refletindo sobre as possibilidades de sua integração nas práticas de evangelização e catequese da Igreja. Historicamente, a transmissão da fé tem sido ancorada na pregação oral e escrita, uma tradição rica que se adapta agora à era digital. A pandemia da Covid-19 acelerou a digitalização das interações sociais, incluindo a prática religiosa, destacando a importância de encontrar novas formas de compartilhamento da fé. Nesse contexto, Magisterium AI surge como uma ferramenta potencialmente transformadora, oferecendo um novo meio para explorar e compreender a fé em um formato acessível e interativo. Estas IAs gerativas como Magisterium AI podem facilitar o acesso aos ensinamentos da Igreja através de uma interface amigável que pode alcançar fiéis em todo o mundo. Ao mesmo tempo, levanta questões importantes sobre como manter a autenticidade dos dados da fé em meio à sua transmissão por meios tecnológicos. A colaboração entre fé e tecnologia, portanto, não apenas é possível como também necessária, para que a Igreja continue a fomentar um diálogo frutífero entre a tradição e a inovação.

Palavras-chave: *Inteligência Artificial; evangelização; dados da fé; compartilhamento da fé; Magisterium AI.*

Abstract: *In a digitalized world, pastoral practices face new challenges and opportunities. Dialogue between theology and digital culture is necessary, especially when we consider the introduction of innovative tools such as Artificial Intelligence (AI) in the communication of faith. This comparative study between the generative artificial intelligence platforms ChatGPT4, Gemini and Magisterium AI examines the contributions and limits of these resources to the process of sharing faith data. The study pays special attention to Magisterium AI, an AI platform designed to support the teaching and understanding of Catholic doctrine, reflecting on the possibilities of its integration into the Church's evangelization and catechesis practices. Historically, the transmission of the faith has been anchored in oral and written preaching, a rich tradition that is now adapting to the digital age. The Covid-19 pandemic has accelerated the digitization of social interactions, including religious practice, highlighting the importance of finding new ways of sharing faith. In this context, Magisterium AI emerges as a potentially transformative tool, offering a new means of exploring and understanding the faith in an accessible and interactive format. These generative AIs like Magisterium AI can facilitate access to the Church's teachings through a user-friendly interface that can reach believers all over the world. At the same time, it raises important questions about how to maintain the authenticity of faith data in the midst of its transmission by technological means. Collaboration between faith and technology, therefore, is not only possible but also necessary if the Church is to continue to foster a fruitful dialog between tradition and innovation.*

Keywords: *Artificial Intelligence; evangelization; faith data; faith sharing; Magisterium AI.*



Introdução

As últimas décadas têm sido marcadas por avanços tecnológicos exponenciais. Desde a popularização dos *smartphones*, em 2007, o que temos presenciado, dia após dia, são mudanças significativas, até então, inimagináveis. A mais recente delas e que vem ganhando cada vez mais espaço foi apresentada ao mundo em novembro de 2022. Com um layout parecido com as plataformas de buscas e conversas virtuais, o *ChatGPT*, começou, ainda que timidamente, a aproximar a Inteligência Artificial (IA) do nosso cotidiano.

Seja pelo uso de ferramentas que se apropriam da IA ou pelas conversas informais com amigos, popularmente o que se sabe é que algo grande e poderoso está em nosso meio. O que muitos não têm ideia é que a inteligência artificial não começou a ser desenvolvida agora. Os primeiros registros de um programa de computador destinado a redes neurais foram datados no ano de 1943. Porém, temos o ano de 1956, marcado pela conferência de Dartmouth, em Nova Hampshire, EUA, como o nascimento da Inteligência Artificial. Durante as apresentações, Alan Turing e John McCarthy, um dos organizadores da conferência, estabeleceram as bases teóricas e conceituais da IA (Nilsson, 2009). A IA, pode ser definida como a capacidade de máquinas e sistemas realizarem tarefas que, até recentemente, exigiam inteligência humana. Suas aplicações vão desde análise de dados até interações personalizadas, passando por criação de conteúdo e soluções de aprendizado automatizado.

Em contraponto com a revolução das máquinas, encontramos a evangelização, processo de comunicação da fé que ao longo de milênios foi se adaptando às diferentes eras da história e suas tecnologias. Segundo o *Instrumento Laboris* para a XIII Assembleia Geral dos Bispos, realizada em 2012, no Vaticano, a evangelização “não se reduz a uma simples ação entre tantas, mas, no dinamismo eclesial, é a força que permite à Igreja viver o seu objetivo: responder ao chamamento universal da santidade” (IL 11). Neste trabalho, voltaremos o olhar para a evangelização entendida como compartilhamento da fé entre pessoas inseridas em ambientes físicos e digitais.

O presente artigo apresenta características e questionamentos sobre o uso de inteligências artificiais no processo de evangelização, a partir do estudo comparativo entre as plataformas *Magisterium AI*, *ChatGPT4* e *Gemini*. A reflexão parte do conceito de evangelização como compartilhamento da fé, para, em seguida, contextualizar este processo na era



digital. A terceira e última seção traça uma análise comparativa entre IAs gerativas, verificando as possibilidades que estes recursos podem trazer para a aprendizagem dos dados da revelação cristã.

Embora acreditemos que as questões éticas levantadas pelo uso da IA no ensino da fé devam ser estudadas, esta pesquisa não tratará profundamente do tema, deixando tal tarefa para reflexões futuras. Como o Papa Francisco escreve na mensagem para o 58º Dia Mundial das Comunicações Sociais, é preciso discernir com a sabedoria do coração as consequências da inteligência artificial para a sociedade e para a Igreja em vista de vivenciar uma comunicação plenamente humana (Francisco, 2024).

1 Evangelização como compartilhamento da fé

Desde o início da vida pública de Jesus, o anúncio da boa nova fazia parte da missão fundamental dele e de seus seguidores. Segundo os relatos evangélicos, Jesus enviou seus discípulos, dois a dois, ordenando a pregação da palavra e o batismo, em nome da Trindade (Mt 28,19). Após a ressurreição, com o desenvolvimento da Igreja Primitiva, esse imperativo se manteve presente durante a formação das novas comunidades.

Este processo não se limita apenas à passagem de conhecimento; é uma prática viva que engloba rituais, ensinamentos, costumes e valores profundamente enraizados nas comunidades de fé. É a conversão e formação de discípulos missionários que, uma vez conhecedores da vida de Jesus, desejam segui-lo.

O Documento de Aparecida (2007) apresenta tal missão como fundamental para a identidade católica, assim como reforça a necessidade de os indivíduos proclamarem o Evangelho de tal forma que inspire e transforme a vida pessoal e comunitária. Já na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), o Papa Francisco afirma que a evangelização deve ser expressa através de uma igreja “em saída”, que “busca ativamente os afastados e se empenha na promoção da justiça social, do diálogo e da paz”. Assim temos, nestes dois documentos, o entendimento contemporâneo da Igreja, de que a evangelização não se trata apenas do processo de conversão religiosa, mas também da transformação social e do compromisso com a dignidade humana.

A Igreja nos apresenta que o processo de transmissão da fé se baseia em dois pilares: a tradição oral e as Sagradas Escrituras (CIC 76).



Até os dias atuais, temos essas duas formas presentes, por exemplo, na catequese, na experiência em comunidade, na fé testemunhada e vivida em família, nas casas e em grupos sociais, perpassando assim gerações de fiéis. A Igreja tem como foco da sua ação evangelizadora, sobretudo, a vivência da comunidade de fé. É por intermediação de agentes de pastoral e sacerdotes que trabalham de forma local, que se busca o crescimento da vida eclesial e o anúncio querigmático (Proust, 2002).

[...] Aqui encontramos a fonte e a natureza do processo de evangelização cristã, o núcleo de toda a experiência que conhecemos como mistagógica: uma dinâmica viva de abertura à Revelação, na qual a espiritualidade e a vida cotidiana caminham juntas e podem fecundar a realidade com a força renovadora do Espírito. A estrutura das comunidades primitivas e do processo de evangelização do período dos séculos III e IV estava imbuída da dinâmica mistagógica, da presença de Jesus Cristo e de Seu Espírito (Proust, 2002, p. 9).

Estes elementos não só educam os indivíduos sobre os princípios fundamentais de sua fé, mas também os imergem em uma experiência comunitária que transcende o indivíduo, ligando-os a uma cadeia ininterrupta de crentes que se estende através do tempo. Quando se tem o contato com a novidade apresentada por Cristo, as pessoas passam a viver uma vida nova e a compartilhar o que vivenciaram (Rm 6,4), que se caracteriza como alegria, esperança, melhores relações entre seus membros e nova visão de mundo. Isto se torna uma fonte de vida, renovação e solução para os problemas que as pessoas enfrentam.

No entanto, a transmissão da fé através da tradição não é um processo estático. Enquanto as tradições oferecem uma estrutura e um conjunto de práticas consolidadas, elas também estão sujeitas a interpretações, adaptações e transformações. Este dinamismo é essencial para a relevância contínua da fé em um mundo em constante mudança. As comunidades de fé são desafiadas a encontrar um equilíbrio entre preservar a essência de suas tradições e adaptá-las para responder aos contextos culturais e sociais contemporâneos.

A evangelização é um processo comunicativo-relacional que se aprofunda na medida que evangelizador e evangelizado caminham juntos, é um movimento de alargar a mente e o coração que conduz à proximidade com Deus e com as pessoas (Amaro da Silva, 2018, p. 66-81). Assim, a evangelização precisa ser compreendida não mais como uma mera transmissão, no sentido de uma comunicação unidirecional



na qual o evangelizador emite a mensagem e o evangelizado a recebe, mas como compartilhamento da fé. “A missão de comunicar a fé deve ser entendida como compartilhar a fé, torná-la comum, testemunhá-la, colaborar para que o encontro comunicativo entre Deus e o ser humano aconteça” (Amaro da Silva, 2021, p. 148).

A comunicação da fé, portanto, é um processo dialético, no qual a tradição atua tanto como guardião da continuidade quanto como facilitadora da adaptação. Ela exige uma abordagem reflexiva que honre o passado, enquanto se engaja de forma criativa com o presente e o futuro. Dessa forma, a tradição não é apenas um legado a ser passado, mas uma conversa viva, um diálogo contínuo entre as gerações de fiéis que os molda e é moldado por eles em sua jornada comunitária de fé. Assim, a comunicação da fé é pluridirecional, ou seja, a fé não pode ser apenas emitida e recebida, mas deve ser compartilhada num verdadeiro encontro em que os interlocutores são simultaneamente emissores e receptores da mensagem, ambos comunicam, transformam e são transformados pelo testemunho. Então, entende-se a evangelização hoje como relação recíproca entre evangelizado e evangelizador, compartilhamento da fé que edifica todos os envolvidos.

2 O compartilhamento da fé na era digital

A disseminação do Evangelho foi significativamente ampliada pelas tecnologias digitais, facilitando um alcance global instantâneo e transcendendo barreiras físicas e culturais. Neste contexto globalizado e digital, caracterizado por uma pluralidade de ideias e crenças, a evangelização enfrenta o desafio de navegar em um espaço dominado pela lógica utilitarista do mercado, que frequentemente prioriza valores materialistas e imediatistas. A inserção da mensagem cristã neste ambiente requer uma abordagem adaptativa, que não apenas aproveite os meios digitais para a difusão da fé, mas também promova um diálogo intercultural e inter-religioso que respeite a diversidade e fomente a compreensão mútua. Este cenário exige dos evangelizadores uma profunda compreensão dos mecanismos de comunicação digital e uma postura que esteja alinhada com os princípios do Evangelho, visando a transformação espiritual e social que transcenda o consumismo e o individualismo predominantes na sociedade contemporânea.

A emergência de novos desafios na evangelização exige o conhecimento e utilização dos novos canais comunicativos para ampliar o alcance e a efetividade da comunicação da fé. Em sua análise sobre a sociedade



em rede, Manuel Castells (2009) aponta para a transformação radical nos modos de comunicação, sugerindo que a comunicação em rede vai muito além da comunicação de mão única da cultura de massa o que implica a necessidade de as instituições religiosas se adaptarem a esse cenário dinâmico para se comunicarem efetivamente com as pessoas. A adoção de estratégias que incorporem esses meios digitais torna-se crucial na missão evangelizadora, permitindo o compartilhamento da fé de pessoa a pessoa em um ambiente cada vez mais interconectado.

O compartilhamento da fé na era digital transcende a simples disseminação de mensagens religiosas; ele encarna um paradigma transformador, que reflete uma profunda evolução tanto nos métodos de comunicação quanto no alcance potencial dessas interações. Esta nova abordagem para a partilha da fé implica um engajamento mais rico e multidimensional, envolvendo a criação de comunidades digitais, o fomento de diálogos interativos e a promoção de experiências espirituais autênticas na rede. Ao invés de limitar-se à transmissão unidirecional de conteúdo religioso, a era digital oferece oportunidades únicas para a vivência compartilhada da fé, onde o testemunho pessoal, a assistência e a formação mútuas acontecem em um espaço on-line. Desta forma, a fé no contexto digital não é apenas sobre alcançar um público mais amplo, mas sobre aprofundar a qualidade das relações espirituais, incentivando uma vivência espiritual mais integrada e participativa.

As tecnologias digitais oferecem um terreno fértil para o encontro, transcendendo as barreiras geográficas que tradicionalmente limitavam o alcance das comunidades religiosas. A era digital redefine a noção de interação, tornando-a instantânea e ubíqua, o que transforma radicalmente a forma como as mensagens de fé são compartilhadas, permitindo que alcancem amplo número de pessoas e grupos com uma facilidade sem precedentes. Este cenário abre novos horizontes para a evangelização, onde a fé não é apenas transmitida, mas também vivenciada e explorada em múltiplas dimensões da ambiência digital, incentivando uma participação mais ativa e personalizada nas comunidades de fé.

As redes digitais oferecem possibilidades sem precedentes para que as pessoas pesquisem, expressem opiniões e promovam causas de interesse em comum. Essas facilidades tecnológicas, segundo Habowski e Conte (2018), trazem mudanças culturais e sociais, influenciando e ressignificando aspectos da vida cotidiana e valores cristãos como a liberdade, a justiça e a igualdade. Este uso dos recursos digitais permite



uma nova forma de engajamento social e religioso, destacando o impacto direto na maneira como a fé é vivenciada e compartilhada na sociedade contemporânea.

A Igreja Católica, com seus dois milênios de história, passou por diversas culturas comunicativas – da oralidade, da escrita, do livro, de massas, das mídias, do digital e agora dos dados (Santaella, 2022) – adaptando-se continuamente para atender as novas formas de se relacionar com as pessoas no mundo. Uma vez que a comunicação está em constante evolução, a internet também passa a ter novas formas de lidar com o sagrado. O Cristianismo, assim como as outras religiões, passa por um processo de transformação que gera dificuldades para a compreensão e a (con)vivência da fé cristã hoje (Habowski; Conte, 2018).

Para religiões tradicionais como a Igreja Católica, enraizadas em culturas e origens agrárias e pastoris, são necessárias mudanças realmente profundas em seus sistemas simbólicos para que possam ser capazes de responder a todos esses desafios na compreensão de uma nova forma de ver e de viver o mundo que vai nascendo com as mídias digitais (Sbardelotto, 2012, p. 33).

Na tumultuada relação da Igreja com as mídias digitais, eis que já se apresenta de forma apressada e complexa o desafio do uso das inteligências artificiais em nosso cotidiano. Segundo Papa Francisco (2020), as novas tecnologias estão cada dia mais presentes na vida e nas decisões humanas e ao mesmo tempo vem mudando a forma de pensar, de compreender o mundo e a nós mesmos. Em seu discurso a congressistas da Pontifícia Academia para a Vida, o Papa estimulou os fiéis a se aprofundarem no conhecimento da Palavra e Tradição para que auxiliem na interpretação dos fenômenos contemporâneos, como a inteligência artificial.

As tecnologias são criadas para facilitar a vida das pessoas. A diferença da IA para outras invenções está na imitação que ela pode realizar do comportamento humano, raciocinando de forma lógica para ajudar pessoas em diversas áreas da vida, bem como na criação de artefatos e execução de tarefas que apenas seres humanos eram capazes de realizar (Machado, 2023). Atualmente, as empresas estão se preparando para a utilização da Inteligência Artificial a fim de oferecer serviços mais personalizados.



A sigla GPT significa “*Generative Pre-Trained Transformer*” – ou seja, “Transformador gerativo pré-treinado”. O algoritmo desta IA foi criado com base em redes neurais e *machine learning*, visando diálogos digitais. O sucesso desta ferramenta está na sua capacidade de criar conteúdos novos com base nos feitos dos usuários (Machado, 2023).

O *ChatGPT* tem como objetivo oferecer respostas coerentes às questões dos usuários com base nos dados armazenados no sistema.

A grande polêmica em torno do ChatGPT está justamente no poder criativo da ferramenta. Se antes um aluno precisava dedicar horas pesquisando e produzindo sua própria redação escolar, agora é possível que em poucos segundos um texto novo seja criado para o usuário, sem nenhum esforço. Seu único trabalho será o de fazer as perguntas corretas (Machado, 2023).

Um sacerdote, por exemplo, que levava algumas horas preparando sua homilia, recorrendo a autores e roteiros homiléticos até então impressos, com a ajuda do *ChatGPT*, pode obter em segundos uma linha de pensamento a ser seguida. Então, criar conteúdo não é mais um problema, pois qualquer pessoa consegue com um clique encontrar um possível discurso para qualquer assunto.

De acordo com Sbardelotto (2023), hoje a Igreja tem um protagonismo nos debates a respeito das novas tecnologias de informação. Em tempos de muitos avanços e de popularização da inteligência artificial no dia a dia, debater a relação com essas máquinas é refletir a integridade do ser humano e do planeta Terra. Há o risco de se cair em um ponto de vista tecnicista em relação a inteligência artificial, que tem se mostrado poderosa, rápida e complexa, embora ainda necessite da inteligência humana.

A inteligência artificial vai nos ajudar no conhecimento e aprofundamento dos grandes desafios que se apresentam à Igreja para o cumprimento de sua missão, visão e valores em relação ao mundo. Vai garantir meios e abrir horizontes para lançar as sementes do Verbo (Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, 2002, n. 11).

Compartilhando a visão positiva sobre a IA, o Papa Francisco (2024) destaca que esta pode colaborar com o processo de aprendizagem e facilitar o acesso a informações. No entanto, o desenvolvimento e uso de inteligência artificial precisa ser regulamentado para que de fato



contribua com a comunicação e conhecimento humanos. Esses sistemas devem ser bem programados a fim de não se tornarem um instrumento de poluição cognitiva, distorcendo fatos e seguindo tendências ideológicas.

Na busca de promover o uso ético da inteligência Artificial, o Pontifício Conselho para Família (2020), assinou um documento *Rome Call for AI Ethics*¹ (Apelo de Roma por uma Ética da IA). Nele, o cardeal Dom Vincenzo Paglia afirmou que a Igreja tem a obrigação de entrar “nessa constante” evolução e a afirmou que é necessário buscar o desenvolvimento humanizado da inteligência artificial.

Num mundo com sobrecarga de informações, é necessário desenvolver a capacidade de elaborar as perguntas mais importantes. Se inteligências artificiais como o *ChatGPT* estão mudando a forma como acessamos informações, será que isso também não altera a maneira que temos acesso aos dados da fé? É isto que queremos avaliar no estudo comparativo entre três plataformas de IA de caráter gerativo.

3 Inteligências artificiais e suas possibilidades para a evangelização

Se procurarmos rapidamente na internet, encontraremos inúmeras plataformas de inteligência artificial dispostas a nos ajudar com as mais diversas atividades que precisamos. Entretanto, duas delas se destacam por serem mais acessíveis ao grande público. Trata-se do *ChatGPT*, citado no tópico anterior, e o *Bard*, que no início de 2024 passou a se chamar *Gemini*, cuja detentora dos direitos e operação é a empresa *Google*.

Esses dois dispositivos são abertos e contam com a interação do público para aprender sobre os assuntos a eles determinados. Em buscas realizadas on-line, conseguem criar as respostas ou desempenhar a tarefa, tendo como referência o que foi perguntado e o que mais se aproxima do comportamento humano.

Pensando nos recursos de IA disponíveis a partir de demandas da missão cristã de comunicar a boa nova, podemos elencar formas de contribuição da IA para a evangelização. A primeira seria o uso de IA para criação de conteúdo para a comunicação da fé através das mídias, seja criando imagens e vídeos, compondo poemas e músicas, elaborando

¹ Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/acdlife/documents/rc_pont-acd_life_doc_20202228_rome-call-for-ai-ethics_en.pdf.



legendas de postagens, entre outras produções. Algumas plataformas de IA permitem também a criação de experiências imersivas de aprendizado e meditação, utilizando realidade aumentada e virtual para recriar eventos bíblicos ou simular ambientes de retiro espiritual, por exemplo. Isso pode proporcionar um outro entendimento dos textos sagrados e oferecer uma nova dimensão à prática da fé.

Outra maneira consistiria na utilização dos *chatbots* baseados em IA que podem ser programados com conteúdo teológico e eclesial, possibilitando respostas instantâneas a perguntas sobre a fé, doutrina e prática religiosa, criando um recurso acessível para o processo de educação dos fiéis. Este artigo tem como foco de estudo analisar esta última forma.

A Igreja Católica conta, desde 2023, com a inteligência artificial gerativa *Magisterium AI*. Trata-se de uma plataforma que, segundo seu site, “torna o ensinamento da Igreja Católica acessível como nunca antes” (Magisterium.ai, 2023) e que, como o próprio nome indica, é alimentada com cerca de 6 mil documentos do Magistério Ordinário e Extraordinário da Igreja. Criada pela *Longbeard*, uma empresa de tecnologia com sede em Roma, esta IA pretende oferecer “acesso a fontes únicas de informação católica que ainda não estão disponíveis na web, de uma forma mais inteligente e útil” (Magisterium.ai, 2023).

Nosso estudo buscou comparar o modelo de operação do *Magisterium AI*, do *ChatGPT* e do *Gemini*. Perguntamos as mesmas questões para as três IAs com o intuito de analisar comparativamente as respostas, buscando identificar suas fontes e tendências. Escolhemos aleatoriamente dois questionamentos sobre temas populares que poderiam suscitar dúvida ou interesse para exemplificar o processo de formulação das respostas de cada plataforma. A primeira diferença que notamos está exatamente nas fontes usadas para as respostas. Enquanto o *Magisterium AI* apresenta os documentos da Igreja Católica, citando os parágrafos e oferecendo links para acesso rápido a cada um deles, as outras plataformas muitas vezes se baseiam em fontes secundárias que citam os documentos eclesiais e conteúdo que aparecem no ranking das plataformas de busca.

Neste primeiro exemplo, fizemos uma busca com a pergunta: O que a igreja diz sobre a comunhão na boca? O *ChatGPT* em sua versão 3.5, apresentou um resumo afirmando que tanto o recebimento na boca e na mão são permitidos. Embora tenha citado a Congregação para o Culto Divino, hoje com nome de Dicastério, não houve a referência de quais documentos foram usados para embasar a resposta:

Figura 1 – Resposta *ChatGPT*

 **ChatGPT**

A posição da Igreja Católica sobre a comunhão na boca varia de acordo com as circunstâncias e as orientações das autoridades eclesiais. Tradicionalmente, a comunhão na boca é considerada uma prática mais reverente e segura em termos de garantir que as partículas consagradas não sejam perdidas ou profanadas. No entanto, em muitas partes do mundo, a comunhão na mão também é permitida e amplamente praticada.

A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, órgão da Cúria Romana responsável pela liturgia na Igreja Católica, emitiu instruções sobre a comunhão na mão e na boca. As diretrizes gerais afirmam que ambas as práticas são aceitáveis, mas cabe às conferências episcopais locais e aos bispos diocesanos regulamentar como a comunhão é distribuída em suas jurisdições.

Em situações excepcionais, como durante pandemias ou surtos de doenças contagiosas, as autoridades eclesiais podem emitir orientações específicas para a distribuição da comunhão, incluindo restrições temporárias à comunhão na boca para garantir a segurança sanitária dos fiéis.

Portanto, a posição oficial da Igreja Católica é que tanto a comunhão na boca quanto na mão são práticas legítimas, sujeitas a regulamentos e orientações locais.

Um detalhe importante e atual na resposta do *ChatGPT4* foi trazer situações em que a comunhão na boca pode ser negada, como o caso recente da pandemia. Já o *Gemini*, apesar de ter citado a Instrução Geral do Missal Romano, dando o direito de o fiel escolher como deseja receber a eucaristia, reforçou a narrativa de que a comunhão na boca é sinal de reverência. Identificamos que este tipo de discurso é amplamente usado por alguns grupos em diversos perfis nas redes sociais. Com grande engajamento, essas postagens aparecem mais bem ranqueadas em buscas do *Google*, o que nos leva a crer que a plataforma de Inteligência artificial pode ter feito uma correlação com o que está em alta no site de busca do mesmo grupo:

Figura 2 – Resposta do *Gemini*

 A Igreja Católica reconhece e valoriza a comunhão na boca como uma forma válida e tradicional de receber a Eucaristia. A Instrução Geral do Missal Romano (IGMR) afirma que:

"Todo fiel tem sempre o direito de escolher se deseja receber a Sagrada Comunhão na boca ou na mão." (n. 92)

Isso significa que:

- Ninguém pode negar a comunhão na boca a um fiel que a peça diretamente.
- A escolha de receber na boca ou na mão é pessoal e inalienável.
- Ambas as formas de comunhão são igualmente válidas e reverentes.

A Igreja também reconhece que:

- A comunhão na boca pode ser vista como um sinal de reverência e adoração.
- Pode ser uma maneira de expressar a fé na presença real de Cristo na Eucaristia.
- Pode ser uma ajuda para a devoção pessoal e a oração.

Alguns pontos importantes a serem considerados:

- Em algumas dioceses, a comunhão na mão pode ser a norma, mas a comunhão na boca ainda deve ser permitida.
- Se você não se sentir confortável em receber a comunhão na mão, você sempre pode pedir para recebê-la na boca.
- É importante ter uma atitude de fé e reverência ao receber a Eucaristia, independentemente da forma escolhida.

Recursos adicionais:

- Instrução Geral do Missal Romano (IGMR): [URL inválido removido]
- Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos: [URL inválido removido]
- Artigo sobre a comunhão na boca: [URL inválido removido]



Ao fazer a mesma busca no *Magisterium AI*, a plataforma apresentou uma resposta sintética se baseando em dois documentos eclesiais.

Figura 3 – Resposta do *Magisterium AI*

⊗ O que a igreja diz sobre a comunhão na boca?

△ A Igreja Católica ensina que a comunhão na boca é uma prática permitida e respeitada. A norma estabelecida é que cada fiel tem sempre o direito de receber a Sagrada Comunhão na língua, se assim escolher ¹. Além disso, a prática de receber a Comunhão na boca é mencionada como uma forma de profunda reverência e devoção à Eucaristia ². Os ministros ordenados, em particular, têm a responsabilidade primária sobre as espécies sagradas, sendo que tocar nas espécies sagradas e distribuí-las com as próprias mãos é um privilégio dos ordenados, indicando uma participação ativa no ministério da Eucaristia ². Por outro lado, a prática de receber a Comunhão na mão também é reconhecida, desde que seja feita com respeito e devoção, e em conformidade com as normas estabelecidas pelas conferências episcopais ¹.

Referências

1 Redemptionis Sacramentum 92 2 Dominicae Cenaes 11

Ainda que a resposta esteja bem fundamentada, nota-se a falta de elementos da realidade recente que podem sugerir a não recomendação da comunhão na boca, como apareceu na formulação do *ChatGPT4*. Em uma segunda rodada de testes, pedimos as plataformas que explicassem o prólogo do Evangelho segundo João, em 10 linhas.

As três plataformas não conseguiram construir uma explanação teológica aceitável acerca do tema, tendo sido o *ChatGPT* a que teve um melhor desempenho:

Figura 4 – Resposta do *ChatGPT*

🌿 ChatGPT

O prólogo do Evangelho de São João é uma passagem profundamente significativa que estabelece a base teológica para o restante do Evangelho. Em suas dez linhas, João introduz Jesus Cristo como a Palavra de Deus encarnada, afirmando sua divindade e sua relação com o Pai desde o princípio dos tempos. Ele declara que Jesus estava com Deus e era Deus, e que através dele todas as coisas foram feitas. O prólogo destaca a missão redentora de Jesus, descrevendo-o como a luz que veio ao mundo para iluminar a escuridão espiritual da humanidade. Também ressalta a rejeição e a incompreensão de Jesus por parte do mundo, contrastando com aqueles que o acolhem e recebem sua graça. Em resumo, o prólogo de João estabelece a natureza divina de Jesus, sua importância na criação e redenção, e seu papel como a revelação definitiva de Deus aos seres humanos.

📄 ↻



O *Gemini* apenas replicou os versículos e indicando, sem referencial, a leitura de comentários bíblicos:

Figura 5 – Resposta do *Gemini*

9. **Veio ele para dar testemunho da luz, para que todos cressem por ele.** (João 1:7) João Batista pregou sobre Jesus Cristo e o proclamou como a luz do mundo.

10. **Ele era a luz verdadeira, que, vindo ao mundo, ilumina a todo homem.** (João 1:9) Jesus Cristo é a luz que ilumina todos os homens, de todas as nações e de todas as épocas.

Observação: O prólogo do Evangelho de São João é um texto rico em teologia e simbolismo. Esta resposta oferece apenas uma breve explanação dos principais pontos do texto. Para um estudo mais aprofundado, recomendo a leitura de comentários bíblicos e artigos teológicos sobre o tema.

O *Magisterium AI* apresentou como referencial a Bíblia, mas ofereceu a busca pelos temas indicados na resposta:

Figura 6 – Resposta do *Magisterium AI*

O prólogo do Evangelho de São João descreve a divindade e encarnação de Cristo, afirmando que Ele é o Verbo que estava com Deus e era Deus, responsável pela criação de todas as coisas. Este Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade. João Batista testemunha sobre Cristo, chamando-O de o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Jesus é reconhecido como o Filho de Deus e o Rei de Israel, prometendo a Nathanael que verá o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem ¹.

Referências

1 The Holy Bible John 1:1-18

Feedback Copiar resposta Partilhar resposta

Questões relacionadas

Qual é o significado do Verbo de Deus no prólogo do evangelho de São João?

Como o prólogo do evangelho de São João reflete a divindade de Jesus Cristo?

Qual é a importância da luz e das trevas mencionadas no prólogo do evangelho de São João?

A partir dessa e outras comparações feitas ao longo deste estudo, foi possível observar que o uso da inteligência artificial no processo de evangelização, sobretudo na sua dimensão formativa, apresenta ainda um desempenho limitado como facilitadora do acesso ao depósito da fé, mas também demonstra um potencial de aperfeiçoamento e maior



precisão futura. Por um lado, IAs como o *ChatGPT* e *Gemini* podem auxiliar na análise de textos, como as Sagradas Escrituras, ao permitir o processamento de grandes volumes de dados com rapidez, o que pode levar a descobertas e conexões previamente não observadas. Elas também auxiliam na identificação de padrões linguísticos, históricos e culturais, contribuindo para uma interpretação mais profunda dos escritos. Além disso, a capacidade de traduzir e comparar automaticamente diferentes versões e traduções da Bíblia pode enriquecer o estudo exegético, oferecendo uma pluralidade de perspectivas e interpretações.

Por outro lado, os desafios são significativos. A exegese e a hermenêutica bíblicas não se limitam à análise linguística ou histórica; elas englobam a interpretação teológica, espiritual e moral dos textos, aspectos que dependem profundamente do entendimento humano, da intuição e da fé. A IA, por sua natureza algorítmica, pode não ser capaz de capturar plenamente essas dimensões, correndo o risco de oferecer interpretações que negligenciem o contexto religioso e espiritual mais amplo. Além disso, a dependência de tecnologias de IA pode levar a uma desvalorização do estudo humano intensivo e da tradição interpretativa, essenciais para a riqueza da exegese bíblica.

A escolha da plataforma na qual serão realizadas buscas e interações será decisiva para melhorar ou prejudicar o entendimento do tema. Enquanto o *ChatGPT* e o *Gemini* dão a impressão de trazer um resultado mais concreto, abrangente e pronto, o *Magisterium AI* oferece uma resposta mais próxima dos ensinamentos da Igreja, citando documentos e fontes específicas da tradição católica. O fato do acesso a milhares de documentos eclesiais estar disponível dentro da plataforma precisando apenas da formulação de um tópico ou questão, agiliza a pesquisa e estudo sobre a fé com fontes confiáveis. Por ser uma inteligência artificial específica para o aprendizado da doutrina católica, tendo como base exclusivamente documentos oficiais da Igreja, o *Magisterium AI* demonstrou um bom desempenho para a tarefa de compartilhar ensinamentos da fé. Contudo, é uma IA que ainda está em aprendizagem e não contém todos os documentos eclesiais. Notou-se também um déficit de atualidade em suas respostas que talvez não possa ser preenchido apenas com documentos oficiais.

Em síntese, a inteligência artificial está abrindo novas avenidas tanto para a exegese e a hermenêutica bíblicas quanto para o estudo inicial de temas referentes a fé cristã, oferecendo ferramentas poderosas para análise



e comparação de textos. Contudo, é crucial que seu uso seja mediado por uma compreensão profunda da tradição, da teologia e da espiritualidade que fundamentam a interpretação bíblica. Os dados da fé para contribuir num processo de evangelização necessitam ser interpretados por pessoas com conhecimento e vivência da fé, portanto, o uso de IA não substitui a mediação humana. Todas as plataformas generativas de IA alertam para possíveis respostas equivocadas e incompletas, o que sinaliza que, no momento, tais ferramentas servem como ponto de partida para o conhecimento de um determinado assunto. A colaboração entre as capacidades técnicas da IA e o discernimento humano se apresenta como um campo fértil para a inovação no estudo dos dados da fé e na interpretação bíblica, desde que as informações obtidas sejam abordadas com cautela e reflexão crítica.

Conclusão

O processo de compartilhamento da fé que chamamos de evangelização, entendida como partilha de vida e experiência de encontro com Cristo e com os irmãos e as irmãs, não se reduz ao compartilhamento de dados da fé. No entanto, as formas e as fontes que acessamos como conteúdo da fé cristã é uma parte importante deste processo que necessita de cuidado especial em tempos de IA gerativa.

O recorte do estudo aqui apresentado demonstra a necessidade de a Igreja acompanhar e marcar presença no desenvolvimento e na reflexão sobre a Inteligência Artificial. Neste recorte inicial de estudo apresentado não é possível comprovar se a popularização da inteligência artificial causa mais benefícios ou problemas para o ensino da fé cristã

Se ainda impactados pela transformação imposta pela pandemia de Covid-19 nas paróquias que passaram a utilizar intensamente os recursos digitais para o cultivo da fé, algumas perguntas precisam ser feitas para nortear o nosso caminhar de inserção da IA nas práticas pastorais: estamos preparados para interagir com a IA? Como fica o futuro da teologia com computadores fazendo o papel de exegetas e hermeneutas? A oração dos fiéis será um dia padronizada por algoritmos que buscam maior empatia com o que queremos ouvir?

Observou-se que a IA não apenas oferece novas ferramentas para a ampliação do alcance da mensagem cristã, mas também apresenta desafios éticos, teológicos e sociais que necessitam de reflexão profunda e orientações claras. Ela tem o potencial de colaborar no processo de evan-



gelização e catequese, permitindo acesso fácil a dados da fé àqueles que se encontram em ambientes digitais. Por outro lado, o uso da tecnologia suscita questões sobre autenticidade do conteúdo, a necessidade de um intérprete e interlocutor humano para a comunicação da Palavra de Deus e a essência comunitária da experiência espiritual cristã.

Destaca-se também que a adoção da IA pela Igreja Católica reflete uma oportunidade de diálogo com a modernidade, promovendo uma reflexão sobre como valores tradicionais podem coexistir e serem reafirmados em um mundo cada vez mais tecnológico. A necessidade de desenvolver diretrizes éticas que regulem o uso da IA na Igreja torna-se imperativa, assegurando que a tecnologia sirva ao bem comum, respeite a dignidade humana e fortaleça a comunidade de fé.

Para o futuro, intenta-se dar continuidade à investigação sobre o impacto da IA na vida da Igreja, considerando as rápidas evoluções tecnológicas e seus efeitos na sociedade. É crucial que a Igreja participe ativamente no debate global sobre a IA, contribuindo com sua visão única sobre ética, humanidade e espiritualidade. Além disso, a formação de lideranças eclesiais com conhecimento nessas tecnologias emergentes será essencial para conduzir a Igreja nesta nova revolução cognitiva.

Ratifica-se que o acesso aos dados da fé pela interação com as IAs não substitui a experiência da fé compartilhada na comunhão física, no celebrar e partilhar a vida em comunidade. Portanto, é preciso encontrar um equilíbrio entre o uso de tecnologias digitais para o conhecimento da fé e a relação humana através das práticas e rituais que fazem amadurecer a fé. Ao integrar as tecnologias digitais com discernimento e fé, a Igreja pode ser um sinal de esperança em um mundo cada vez mais conectado.

Referências

ALVES, R. A. Igrejas fechadas: rezar na pandemia? *Acta Semiótica*, [S.l.], v. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/12021igrejasfechadas>. Acesso em: 13 jan. 2024.

AMARO DA SILVA, Aline. *Catequese Digital: Por onde começar?* São Paulo: Paulus, 2021.

AMARO DA SILVA, Aline *et al.* *Escolhendo Jesus: jovens cristãos para uma nova sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.



BÍBLIA Sagrada. Tradução da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CASTELLS, M. *Comunicação e poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 14 fev. 2024.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento Conclusivo de Aparecida*. 5. ed. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o LVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Inteligência artificial e sabedoria do coração: para uma comunicação plenamente humana. Roma, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20240124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 14 mar. 2024.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos Participantes na Plenária da Pontifícia Academia para a Vida*. Roma, 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-francisco-novas-tecnologias-dom-deus-necessaria-algor-etica.html#:~:text=Segundo%20o%20Papa%2C%20a%20inova%C3%A7%C3%A3o,modo%20de%20pensar%20e%20agir>. Acesso em: 14 mar. 2024

GRIPP, Andréia. *Desafios, caminhos e perspectivas para a evangelização na cultura digital*. PUCRIO. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/60838/60838.PDF>. Acesso em: 1 fev. 2024.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. Os desafios da evangelização com as novas tecnologias digitais. *Pistis & Praxis., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 703-721, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/24519/23209>. Acesso em: 10 fev. 2024.



IGREJA CATÓLICA. *Instrumentum Laboris: A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã*. XIII Assembleia Geral Ordinária. Cidade do Vaticano, 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html. Acesso em: 12 fev. 2024.

MACHADO, V. Inteligência Artificial, os desafios da Igreja na nova onda da Internet. *Cristão na Mídia*. Disponível em: <https://cristaonamidia.com/inteligencia-artificial-os-desafios-da-igreja-na-nova-onda-da-internet/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MAGISTERIUM.ai. *About*. Magisterium.ai, 2023. Disponível em: <https://www.magisterium.com/pt/about>. Acesso em: 15 mar. 2024.

NILSSON, N. *The quest for artificial intelligence: a history of ideas and achievements*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ORIOLO, D. E. *A Inteligência Artificial, luz para evangelização*. Arquidiocese de Vitória – Espírito Santo. Disponível em: <https://olutador.org.br/a-inteligencia-artificial-luz-para-a-evangelizacao>. Acesso em: 10 fev. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Igreja e Internet*. Roma, 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html. Acesso em: 3 mar. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA FAMÍLIA. *Rome Call for AI Ethics*. Roma, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/acdlife/documents/rc_pont-acd_life_doc_20202228_rome-call-for-ai-ethics_en.pdf. Acesso em: 3 mar. 2024.

PROUST, M. *Consequências para uma pedagogia da fé*. PUCRJ – Certificação digital. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4772/4772_4.PDF. Acesso em: 10 fev. 2024.

SANTAELLA, Lucia. *Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do Sapiens*. São Paulo: Paulus, 2022.

SBARDELOTTO, M. *Inteligência Artificial e a Igreja: desafios e possibilidades*. Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas>. Acesso em 5 fev. 2024.



SBARDELOTTO, M. Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, Ano IX, n. 70, 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/070cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.